O ANTI-HERÓI NA OBRA "MORRO DOS VENTOS UIVANTES" [1]

Cleia Gomes da Silva[2]
Laura Miranda de Castro[3]

RESUMO

O presente artigo visa abordar a temática do anti-herói na obra *Morro dos Ventos Uivantes* da escritora Emily Brontë, através das ações do personagem Heathcliff. O objetivo é discorrer sobre o surgimento do herói, bem como a origem do anti-herói e sua inserção na literatura, além disso, fazer uma exposição sobre os conceitos de anti-herói e uma contextualização do período, para assim analisar o personagem Heathcliff na obra em estudo. O anti-herói passa a existir a partir de uma mudança de valores sociais as quais a sociedade deixa de admirar os atos e as virtudes do herói passando a questionar tais atitudes. Entretanto esse novo ponto de vista sobre o herói só passou a ser construído a partir das obras modernas e, a sua representatividade evidencia-se, sobretudo, no gênero romance. No entanto, embora a obra em análise seja de 1847, foi possível identificar através do comportamento do personagem Heathcliff atitudes típicas do arquétipo do anti-herói. A abordagem adotada tem como base os seguintes autores: Brombert (2004), Feijó (1984) e Kothe (1987), dentre outros.

Palavras-chave: Anti-herói. Arquétipo. Herói. Personagem.

ABSTRACT

This article aims to address the anti-hero theme in the book Wuthering Heights by Emily Brontë, through the actions of the character Heathcliff. The aim is to discuss the emergence of the hero, as well as the origin of the antihero and its insertion in the Literature, and to make an exposition about the concepts of antihero and a contextualization of the period, in order to analyze the character Heathcliff in the work under study. The anti-hero comes into existence from a change in social values which society no longer admires the hero's acts and virtues but questions such attitudes. However, this new point of view about the hero was only constructed from modern works, and its representativeness is evident above all in the novel genre. Even though the work under analysis dates from 1847, it was possible to identify through the behavior of the Heathcliff character typical attitudes of the anti-hero archetype. The approach adopted is based on the following authors: Brombert (2004), Feijó (1984) and Kothe (1987), among others.

Key-words: Antihero. Archetype. Hero. Character.

INTRODUÇÃO

Os estudos a respeito da criação de heróis mostram uma relação intrínseca com a sociedade que o criou, assim como a época de sua criação. Pois, percebe-se que suas qualidades estão ligadas a valores e necessidade da mesma. Este tipo de personagem aparece primeiramente na literatura grega através das epopéias de Homero *Ilíada* e *Odisséia.* Os

---

[1] Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso ao Curso de Letras Português/Inglês. (2011/1)

[2] Acadêmica do Curso de Letras – Português/Inglês do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) em Humaitá/AM.

[3] Docente do Curso de Letras – Português/Inglês do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) em Humaitá/AM e orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso.

personagens principais destas obras representavam os valores daquela classe social. Desta maneira, o herói surge na literatura refletindo o contexto social do qual emerge.

Entretanto, ao passar dos tempos as características destas figuras citadas anteriormente foram se afastando dos modelos heróicos de Homero em decorrência do processo de transformação da própria sociedade e, isso foi influenciando também na literatura. Os heróis clássicos passaram a não corresponder aos anseios da sociedade, pois era inaceitável um herói com qualidades épicas em uma sociedade em constantes transformações. Tais mudanças foram tornando-se propícias para o aparecimento de um herói que questionasse as atitudes do modelo heróico de Homero. Com isso, o herói é substituído pelo anti-herói personagem cuja existência apresenta uma ruptura com o modelo tradicional.

Segundo Brombert (2004, p. 19), "esses personagens não são totalmente "fracassos", nem estão desprovidos de coragem; simplesmente chamam a atenção por suas características ajudarem a subverter, esvaziar e contestar a imagem de ideal". Portanto, o surgimento desta figura na literatura vem se contrapor com os valores que não eram questionados anteriormente e, diante disso, o anti-herói vai corresponder a um indivíduo comum que não aceita os valores divulgados pela sociedade a qual está inserido.

É sob esta temática que se pretende analisar as atitudes de Heathcliff no romance *O Morro dos Ventos Uivantes* de Emily Brontë, buscando identificar neste personagem as características do anti-herói nele presentes. A abordagem adotada tem como base os seguintes autores: Brombert (2004), Feijó (1984) e Kothe (1987), dentre outros.

Nas seções que seguem apresenta-se, inicialmente, o herói em contraposição ao anti-herói na literatura, na segunda seção discute-se a personagem e suas classificações, na terceira seção apresenta-se o romance e o contexto histórico, na quarta seção apresenta-se a análise intitulada o anti-herói na obra "Morro dos Ventos Uivantes" seguida das considerações finais.

1 O HERÓI EM CONTRAPOSIÇÃO AO ANTI-HERÓI NA LITERATURA

Entender como surgiu a figura do anti-herói na literatura exige uma reflexão sobre a trajetória do herói. A maneira como a ficção se referiu a esse personagem possibilitou que o mesmo fosse transformado em um herói épico. O autor dessa obra foi o grego Homero, considerado o pai de duas grandes obras, as quais deram origem ao nascimento do herói literário: Ilíada e Odisséia (FEIJÓ, 1984).

As duas obras citadas anteriormente apresentam personagens com características bastante similares. Estes se destacavam pelas suas virtudes, atos grandiosos e valorosos atingindo sempre a perfeição. Dentre estes representantes estão Aquiles e Ulisses. Como podemos notar em:

> A Odisséia conta as aventuras de Ulisses, rei de Ítaca, a quem, em virtude de numerosos perigos que encontra na estrada, foram precisos dez anos após a guerra de Tróia para voltar à sua ilha. Logo que iniciou o regresso, teve de enfrentar outros perigos. Por um processo engenhoso, o poeta deixa o herói contar todas as peripécias e dá-nos a conhecer todos os acontecimentos importantes que se deram desde o fim da *Ilíada*: o artifício do cavalo de Tróia, regresso do herói ao lar e a matança dos pretendentes à mão de sua mulher Penélope. (ARANTES, 2008, p.15)

Os heróis de Homero surgiram em um momento histórico em que a Grécia estava passando por uma fase de transformação social, pois a sociedade arcaica aos poucos vinha sendo substituída pelo regime político aristocrático, ou seja, um governo que representava apenas a minoria da população, cuja especialidade se baseava nas atividades militares. (FEIJÓ, 1984)

Percebe-se que o contexto histórico ajuda a explicar o porquê da criação desses seres citados por Homero em suas obras. Logo, os mesmos representavam a sociedade dominante da época o que se confirma ao analisar as classes sociais, as quais os heróis pertenciam. Aquiles era filho de uma deusa com um rei e, Ulisses era rei em Ítaca. De acordo com Feijó (1984):

> Eram os aristocratas o público fiel das narrativas épicas, que eram declamadas pelo aedos (cantores homéricos). Eles se identificavam com os heróis épicos como se estes fossem seus antepassados e como se eles guardassem alguma coisa daquela valentia, fé e honra (FEIJÓ, 1984, p. 56).

A esse respeito, ressalta Kothe (1987), que as obras literárias são sistemas que reproduzem em miniatura o funcionamento da organização social, onde o herói é o personagem dominante que ilumina estrategicamente a identidade de tal sistema.

Perante este fato percebe-se que Homero através de suas obras tentava exaltar as qualidades das sociedades em ascensão e, a respeito disso, Kothe (1987) classificou as divisões sociais em “alta” e “baixa”. Segundo ele, o “alto” e o “baixo” da sociedade se operacionalizam e se entrecruzam de vários modos na literatura.

Desta forma, nota-se que no decorrer da história vários poetas utilizaram da temática do herói. Porém, tais personagens foram se diferenciando conforme as mudanças que iam

ocorrendo na sociedade e, diante de um grupo social que está em constante transformação tornou-se necessário criar novos heróis para representar a mesma.

Em decorrência de tais modificações surgiram novos heróis, os quais marcaram a fase de transição do herói clássico para o moderno, fazendo com que aparecesse ainda na Idade Média a obra de Miguel de Cervantes denominada de "O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de La Mancha". Como podemos notar em:

> O cavaleiro da Triste Figura que realizar os sonhos da cavalaria: Lutar pela fé, pelo ideal e pela amada. Transforma um pangaré em montaria, vê num moinho de vento o gigante que deveria combater e imagina uma simples venda (uma espécie de taverna, pequena mercearia) como se fosse um luxuoso castelo. (FEIJÓ, 1984, p. 69)

Esta figura foi um "herói que bagunçou todos os heróis" Kothe (1987, p.8), pois apresentava características contrárias ao arquétipo. Cervantes descreve uma pessoa fantasiosa que se envolve em uma série de aventuras heróicas, porém suas fantasias são sempre desmentidas pela dura realidade. Desta maneira, surgiu o herói moderno. Um ser que tem fé , num mundo sem fé e luta contra o que não existe mais. "Um herói deslocado" afirma Feijó (1984, p. 68).

Percebe-se que o herói moderno nada tem haver com o clássico, isto ocorreu devido à sociedade do século XX ansiar por uma representação mais próxima de sua realidade, ou seja, um herói que representasse o cotidiano da sociedade.

Segundo Kothe (1987, p. 61), "as obras modernas, para poderem ser artisticamente superiores, têm como uma proibição de heróis positivos e de felicidade." Portanto, este grupo social vigente não se identificava mais com os valores pregados pelos clássicos.

O livro *A Teoria do Romance* Lukács (2000) apresenta uma classificação para o herói moderno como sendo:

> A teoria do romance identifica o herói moderno como problemático, portador, dentre outras características, de afirmação da subjetividade, heterogeneidade do mundo, solidão e angústias, isto é, um indivíduo que possui uma identidade fragmentada e vive em permanente confronto com o mundo. (ARANTES, 2008, p. 25)

Nota-se que este herói apresenta-se desmistificando o caráter do clássico, pois seus atos agora não são mais pensados no coletivo, mas sim marcado por uma problemática que busca superar as diversidades do mundo. González, (1994, p.98 apud, ARANTES, 2008, p.

25) definiu como “um vencido-vencedor, que faz da fraqueza a sua força, do medo a sua arma, da astúcia o seu escudo; que, vivendo num mundo hostil, perseguido, escorraçado, às voltas com a adversidade, acaba sempre driblando o infortúnio,”

O herói problemático passou a ser designado como sendo um anti-herói para se contrapor com o modelo clássico, porém o termo “anti-herói” só passou a ser usado, recentemente como podemos observar em:

> Apesar de se encontrarem, na literatura de outras épocas, personagens que também assumiam uma postura que subvertia o caráter modelar do herói clássico, esse termo só vai ser posto em circulação por Dostoiévski na parte final de Memória do Subsolo, em 1864. Nesta obra, a subversão deliberada do modelo literário está relacionada com a voz vinda do subsolo para contestar opiniões aceitas. Essa nova imagem do herói (anti-herói) configurou-se e avultou na literatura do século XX. (BROMBERT, 2004, p. 13)

Cabe ressaltar que uma das primeiras características do anti-herói aparece também no romance picaresco através da figura de Lazarillo de Tormes. Personagem que se destaca pela sua visão de mundo centrada no eu diante de uma sociedade em crise. Suas qualidades vão se opondo as do arquétipo.

> O pícaro é um produto social, dando-nos o romance picaresco um retrato realista da pobreza e corrupção moral da sociedade espanhola dos séculos XVI e XVII (com a sua galeria de mendigos, prostitutas, ladrões e outros renegados), retrato que é perspectivado segundo o olhar atento e mordaz do protagonista. O herói (ou anti-herói) pícaro subverte os códigos morais vigentes. (ARANTES, 2008, p. 39)

Neste ponto o pícaro e o anti-herói se assemelham, pois ambos procedem de uma classe social desfavorecida. Entretanto, se distanciam no que diz respeito ao caráter como informa o Dicionário de Termos Literários (MOISÉS, [1928] 2004, p. 28) “anti-herói não se define como a personagem que necessariamente carrega defeitos ou taras, ou comete delitos e crimes, mas como o que possui debilidade ou indiferença de caráter, a ponto de assemelhar-se a muita gente”.

Assim, o pícaro é definido como:

> Saindo de estratos baixos, revela um aspecto pungente: o da luta pela vida. Solto no mundo, tem de resolver por si mesmo os problemas, o que o leva a tornar-se freqüentemente ladrão. Estando sempre exposto ao pior, escapa das situações difíceis por seu engenho e astúcia. (GONZÁLES, 1994, p. 56)

Deste modo, percebe-se que o anti-herói e o pícaro possuem uma trajetória bastante semelhante, pois ambos representam uma sociedade marcada por desigualdades sociais levando as pessoas a uma degradação moral.

O herói da modernidade tornou-se uma figura complexa pelo fato de não conseguirmos ter uma única visão sobre sua personalidade. Brombert (2004, p. 19) afirma que "esses personagens não são totalmente "fracassos", nem estão desprovidos de coragem; simplesmente chamam a atenção por suas características ajudarem a subverter, esvaziar e contestar a imagem de ideal".

Ao contrário das descrições emocionantes as quais ressaltam sempre as qualidades e os feitos do herói clássico. Na literatura moderna, a ênfase vai ser dada através da oposição, pois serão enfatizados os seus defeitos tanto fisicamente quanto o seu comportamento e atitude no contexto social, o qual está inserido. Embora suas atitudes e intenções, muitas vezes pareçam serem tão nobres e sublimes quanto ao típico herói exaltado por Homero, elas são sempre narradas sob o prisma da negatividade (ARANTES, 2008).

2 A PERSONAGEM E SUAS CLASSIFICAÇÕES

A personagem compõe um dos elementos estruturais necessários à narrativa romanesca, pois é através desta que recai, normalmente, a maior atenção empregada pelo leitor. Esse processo ocorre porque é dada a ilusão de analogia que tal componente cria com a noção de pessoa, ou seja, essa figura possui comportamentos e sentimentos reais que se bem construídas teremos a impressão de haver pessoas vivendo situações e dilemas semelhantes aos nossos. Dessa maneira, as personagens são caricaturas dos seres que movimentam a narrativa por meio de suas ações ou estados (SÉRGIO, *online*, 2007).

As personagens podem ser classificadas a partir do seu grau de importância para o desenvolvimento do conflito e sua densidade psicológica presente na história descrita pelo texto narrativo (FRANCO JUNIOR, 2003). Desta forma, as personagens vão ser criadas obedecendo a esses dois critérios, assim teremos personagens desenvolvendo as seguintes funções na narrativa:

- Principal: os personagens são principais quando suas ações são fundamentais para a constituição e o desenvolvimento do conflito dramático. Estes, por sua vez podem ser caracterizados como *heróis* ou *anti-heróis* (FRANCO JUNIOR, 2003). Porém, cabe ressaltar que o *anti-herói* só passou a existir a partir do romance moderno, ou seja, quando o *herói* deixou de ser o aristocrata guerreiro ou o grande homem de aventuras e conquistas, com os

seus rígidos códigos de honra e seus valores típicos da nobreza. Ao contrário, esses indivíduos na modernidade se transformaram em seres comuns, normalmente de origem burguesa ou plebéia. Suas ações já não lhes proporcionam fama e poder, mas giram em torno de complicações sentimentais, sociais e financeiras, comuns à maioria das pessoas.

- **Secundária:** as personagens são secundárias devido as suas ações não terem tanta importância para a construção e o desenvolvimento da trama.

Ainda sobre as classificações dos personagens Forster (1927) em seu livro *Aspects of the novel* criou uma nova classificação para as personagens. Tal classificação está vinculado com o seu grau de densidade psicológica, assim ele o chamou de *flat or round* (plana ou redonda).

- Planas (*flat*) – são personagens construídas em redor de uma única qualidade ou defeito. Por isso, não tem profundidade psicológica e não alteram seu comportamento no decorrer da narrativa. São personagens definidas por características básicas que as acompanham durante toda a história, ou seja, não apresentam contradições normalmente caracterizadas como *tipo ou caricatural.* (CANDIDO, 1987, p. 61)

- Redondas (*round)***:** são personagens complexas definidas por vários traços diferentes e cheias de contradições, os quais apresentam comportamentos imprevisíveis e enigmáticos que vão sendo definidos no decorrer da narrativa. Suas ações vão aos poucos surpreendendo o leitor. (FORSTER, 1969, p. 41)

Portanto, as personagens são classificadas quanto as suas funções e ações desempenhadas no decorrer da narrativa.

3 O ROMANCE E O CONTEXTO HISTÓRICO

Emily Brontë foi escritora, poetisa britânica e nasceu em Thornton na região de Yorkshire. Em 1820, sua família mudou-se para Haworth um lugar muito frio e cercado por cemitérios e é nestes arredores que o seu talento literário floresce (WHITLEY, 1992).

O Morro dos Ventos Uivantes se dá num contexto onde o moralismo é exaltado nos séculos XVIII e XIX. Além disso, na sociedade rural britânica, havia um grande interesse em manter as propriedades por meio de uniões convenientes. Exemplo disso no romance, é a união de Catherine Eearnshaw e Edgar Linton, que se casam conservando os valores e costumes vigentes e culminam em ocasionar uma grande frustração em Heathcliff, que mesmo sendo considerando um anti-herói no romance devido a todas as características

atribuídas a este arquétipo, torna-se vítima de uma sociedade que não “perdoava” as classes subalternas.

Emile Brontë, certamente sofreu influências do contexto social em que viveu, pois durante o reinado da rainha Vitória que corresponde ao período de 1837 e 1901, tendo ficado conhecido como período vitoriano, os grandes contrastes sociais eram evidentes. Por ser notadamente uma era de transição, havia uma grande confusão e euforia, uma vez que a Inglaterra se encontrava num momento de desenvolvimento econômico e avanços tecnológicos para época. A era vitoriana foi “época de grandes e profundas modificações, de ordem material e espiritual. Não apenas de expansão política, mas de progresso real em todos os setores, inclusive no literário” (MENDES, 1983, p. 8 apud MATOS).

Esse momento histórico da Inglaterra parece ser um tanto parodoxal, uma vez que indicava o termino de uma fase crítica sobretudo por conta das convicções religiosas e filosóficas, trazendo à tona grandes revoluções, mas ao mesmo tempo esta nova fase parecia amedrontar. Assim, este período apresenta características bem particulares, pois diferentes formas de materialismo passam a figurar até mesmo nos escritos literários, como por exemplo, o puritanismo de caráter religioso que delineava o comportamento social.

No período vitoriano, no que toca à literatura houve um “movimento” que buscava de certo modo estabelecer o cultivo de valores, onde cada membro da família tivesse definido quais os seus papeis dentro da pequena comunidade chamada famíla. No caso de *O Morro dos Ventos Uivantes*, a família se desestrutura quando o Sr. Earnshaws resolve trazer o menino Heathcliff pra casa. Em algumas passagens do romance acaba contrariando as características desta “literatura pedagógica” que tinha como função instruir as famílias no que diz respeito ao comportamento social. Era comum nos lares vitorianos a leitura familiar.

Nesse contexto é que o romance é apresentado. Um outro fato importante, que faz alusão à sociedade da época, é própria atitude de Heathcliff quando decide ir embora por sentir-se desprezado por Catherine. Ele vai, torna-se rico para concretizar seu plano de vingança. Esta atitude demonstra o quão era importante para sociedade ter posses, embora o fator biológico seja também determinante em alguns casos. Deste modo, fica nítida uma crítica à sociedade vigente quando à escolha de Catherine pelo conforto, segurança, sufocando o amor que sentia por Heathcliff por considerá-lo inapropriado para marido.

4 O ANTI-HERÓI NA OBRA “MORRO DOS VENTOS UIVANTES”

Na obra *O Morro dos Ventos Uivantes* Heathcliff é um dos personagens centrais da trama. Um homem pobre e apaixonado que fora humilhado e rejeitado, mas torna-se uma pessoa rica e obcecada por vingança que não mede esforço para conseguir seus objetivos, revelando-se um caráter meticuloso e determinado indicando desta maneira ser um herói diferente do tradicional.

Heathcliff após ser encontrado pelo sr. Earnshaw nas ruas é levado a sua propriedade “Morro dos Ventos Uivantes”, onde passou a conviver com seus dois filhos: Catherine e Hindley. A chegada deste garoto não foi bem vista pelos membros dessa família, pois logo passou a sofrer discriminação pelo fato de possuir a pele escura e parecer um cigano. A recusa deste é uma das características da sociedade vitoriana cujo preconceito em relação às outras sociedades era notório. Nessa época, as pessoas eram perseguidas por não se enquadrarem dentro das exigências dos padrões sociais pré-estabelecido pelos britânicos, ou ainda, poderiam ser classificadas pelo fator biológico. Além disso, o modelo a ser seguido era o de família patriarcal onde o pai é o soberano e, após a morte do mesmo o filho mais velho assume o comando da família.

Tal desprezo pode ser observado nas atitudes da esposa do sr. Earnshaw:

> A Senhora Earnshaw propôs-se mesmo a expulsá-lo. Furibunda, perguntou ao marido por que decidira trazer para casa aquele ciganinho [...] Cathy ao saber que seu o pai tinha perdido o chicote durante o salvamento de um estranho, patenteou todo o seu desprezo, fazendo careta e cuspindo sobre aquela coisa estranha. [...] Ambos se recusaram terminantemente a partilhar a cama e até mesmo o quarto com o recém-chegado. (BRONTË, 2009, p. 34 e 35)

A procedência de Heathcliff não fica explícita, mas nota-se que ele não pertence a um grupo social dominante, pelas suas características físicas, mas sim pertencente ao grupo dos que estão à margem da sociedade, ou seja, os marginalizados. Contrariando assim os princípios de uma ascendência heróica, pois os heróis provinham do relacionamento de deuses com as mulheres comuns possuindo determinados poderes como Ulisses e Aquiles, pois ambos eram representantes da aristocracia, diferentemente de Heathcliff que não se conhece a paternidade ficando evidente uma das características do *anti-herói*.

Aparentemente Heathcliff não reage contra os ataques de Hindley demonstrando ser uma criança calma e passiva capaz de suportar o sofrimento e a humilhação com resignação. Mas, na verdade Heathcliff vai aos poucos se mostrando uma pessoa de caráter duvidoso.

> O sr. Earnshaw comprou dois potros e ofereceu aos dois rapazes. Heathcliff ficou com o mais bonito, mas quando viu que este coxeava, voltou-se para Hindley e disse: - vamos trocar de cavalos. Não gosto do meu. Se não quiseres, vou me queixar ao teu pai [...] se eu estivesse no teu lugar, fazia o que digo – insistiu Heathcliff, - mais cedo ou mais tarde vais ter de fazê-lo, e se eu me queixar destas pancadas, ainda apanhas dobrado. (BRONTË, 2009, p. 36)

No trecho acima pode-se perceber que já na infância Heathcliff se distancia dos modelos heróicos por expressar desejos de vingança e sentimentos que não são nobres. Nota-se que Heathcliff demonstra as primeiras características de um anti-herói, pois ao invés de lutar para superar as maldades de Hindley ele espera a melhor oportunidade para atacá-lo, mostrando-se dessa maneira, um caráter inconformista típico da personalidade desse protótipo.

Quando chegou à propriedade "Morro dos Ventos Uivantes", Heathcliff contava com a proteção do sr. Earnshaw, mas após a sua morte Hindley passa a ser o chefe da família, pelo fato deste ser o irmão mais velho. Hindley então tem a chance de afastar Heathcliff da convivência familiar o que a fez imediatamente, submetendo o órfão a todos os trabalhos servis e degradantes. Essa situação contribuiu para rudeza perene do personagem.

Heathcliff cresce em um ambiente familiar onde o amor e o carinho foram trocados pela hostilidade o que contribuiu para que fosse se tornando uma pessoa obcecada por vingança, onde o mesmo gostava de ficar sozinho para planejar sua represália.

> - Estou vendo se descubro qual a melhor maneira de me vingar do Hindley. Pode levar o tempo que for preciso, mas só descanso quando me vingar. Só espero que ele não morra antes. [...] – Quem me dera descobrir a melhor maneira! Deixa eu ficar sozinho, para que possa pensar à vontade. (BRONTË, 2009, p. 56)

Observa-se nessa passagem um indivíduo perturbado e incapaz de superar as adversidades da vida, invalidando dessa forma qualquer comparação com o herói tradicional. Ao contrário, temos aqui uma pessoa com conflitos individuais que pensa em si e não na coletividade. Esse processo caracteriza o personagem do anti-herói.

Entretanto, o oposto do irmão, Catherine tem fascínio por Heathcliff e crescem nutrindo uma paixão incontida um pelo outro. Heathcliff idolatra Cathy, fazendo dela a sua referência aos sentimentos. Quando crianças prometeram crescer como selvagens estabelecendo assim um amor eterno contrariando as leis morais e sociais, visto que tal relacionamento não era bem visto pela sociedade da época.

No entanto, com o passar do tempo as diferenças sócio-culturais entre ambos aumentam, e passaram a ser mais evidenciadas diante da amizade de Catherine com os irmãos Linton. A partir da convivência com os Linton, Catherine adota um novo comportamento e passa a dispensar a companhia de seu amigo inseparável. "- tu não sabes falar de nada! Sempre que fala ou fazes alguma coisa para me distraíres, pareces um burro mudo ou uma criança pateta. - A tua companhia não serve para nada". (BRONTË, 2009, p. 64) Observa-se que Catherine vai percebendo as diferenças sociais entre os dois e decide se afastar de vez de Heathcliff, casando-se com Linton mesmo amando Heathcliff.

> - O Edgar Linton pediu-me em casamento e eu dei-lhe uma resposta [...] Seria degradante para mim casar agora com Heathcliff; por isso ele nunca saberá como eu amo. [...] Seja qual for a matéria de que as nossas almas são feitas, a minha e a deles são iguais. (BRONTË, 2009, P.73)

Nota-se nesse trecho que mais uma vez Heathcliff foi vítima da sua condição social, pois apesar de Catherine considerar que suas almas fossem iguais ela resolve casar-se com Linton, demonstrando dessa maneira que as condições socioeconômicas era um dos fatores que determinavam o destino de uma pessoa daquela sociedade.

Pode-se inferir, com base no contexto social da época, que a autora coloca Heathcliff como um representante da hipocrisia vitoriana onde as relações familiares eram estabelecidas através do poder aquisitivo das pessoas e, nesse ponto, pode-se considerar Heathcliff como um anti-herói à medida que ele representa uma realidade, pois sobrevivia em uma sociedade que o despreza.

Ao saber da decisão de sua amada Heathcliff resolve deixar a propriedade "Morro dos Ventos Uivantes" e traçar um novo destino para sua vida. A narradora não passa qualquer informação sobre o destino tomado Heathcliff. No entanto, passado alguns anos ele retorna completamente diferente.

> Heathcliff: tinha-se tornado um homem alto, atlético, bem constituído. [...] O seu pote aprumado era indício de ter servido o exército; a sua expressão era muito mais madura e decidida; [...] Todavia, o sobrolho carregado retinha ainda uma certa ferocidade semiaplacada, e os olhos negros chispavam com um fogo reprimido (BRONTË, 2009, p.86)

Heathcliff regressa ao "Morro dos Ventos Uivantes" mostrando-se uma pessoa imponente, forte e decidida, mas ao mesmo tempo com um ar de mistério, pois nem mesmo

sua bela aparência física era capaz de esconder a obscuridade em seus olhos e o desejo de vingança. Logo se percebe um indivíduo incapaz de superar os conflitos sociais evidenciando dessa maneira, as características de um anti-herói. O que se concretiza ainda mais quando ele estabelece seu plano de vingança contra todos aqueles que o desprezou e o humilhou. Tal plano atingiu não só uma geração, mas a seguinte também.

Observa-se que o plano de vingança de Heathcliff inicia-se quando ele volta ao "morro", agora rico, e passa a morar com Hindley, a pessoa que fora desde o início seu algoz. Mas, aos poucos sua real intenção vai sendo revelada, pois Hindley torna-se endividado com jogo e Heathcliff passa a ser seu grande credor. Humilhado por Heathcliff, que lhe tomara todos os bens, Hindley morre na mais completa miséria, deixando seu filho Hareton, sob os cuidados de Heathcliff, o que o permitiu a continuar com sua retaliação em relação ao "irmão", pois colocou Hareton na mesma posição em que fora subjugado.

O segundo plano de vingança se concretiza ao se aproximar de Isabella Linton, irmã de Edgar. A estratégia de vingança de Heathcliff foi seduzi-la e casar-se com ela. Mas, após o casamento, ele tornou a vida da mulher insuportável, maltratando-a e desprezando-a como forma de atingir Edgar Linton. Entretanto, Isabella foge vivendo longe dele até a sua morte, mas deixa um filho, Linton, o único herdeiro de Heathcliff, o qual ele usou para efetivar o seu plano de vingança.

> Nelly, diz ao teu padrão que eu nunca, em toda a minha vida, conheci uma pessoa tão objeta quanto ela: é a vergonha do bom nome da família Linton; e que às vezes, só por pura falta de imaginação me abstenho de continuar as minhas experiências para ver até que ponto ela é capaz de suportar humilhações e, não obstante, voltar para mim a rastejar com o rabinho entre as penas. (BRONTË, 2009, P.131)

Pode-se perceber que a exclusão e a hostilidade transformaram Heathcliff em um indivíduo extremamente vingativo, visto pelos outros personagens sempre como um sujeito obscuro e obcecado transgredindo todos os limites morais e sociais de uma sociedade preconceituosa. Heathcliff é apresentado como um sujeito que não se enquadrava socialmente na época e, em conseqüência disso acaba tomando atitudes que não eram consideradas normais para os padrões daquele grupo social. Tais descrições o caracterizam mais uma vez como um arquétipo do anti-herói.

Entretanto, mesmo possuído pelo ódio e rancor, percebemos que Heathcliff nunca deixou de amar Catherine, mesmo depois que ela desistiu dele por causa da situação a qual ele vivia, excluído da sociedade. Assim, Heathcliff concentrou seu plano de vingança somente

contra àqueles que a tinham tirado de seu convívio. “- não é em ti que vou vingar, - retorquiu Heathcliff. [...] O tirano maltrata os escravos, e estes não se revoltam contra ele; esmagam os que estão abaixo deles.” (BRONTË, 2009, p.100)

Nota-se que, embora Heathcliff tivesse se transformado em um sujeito rancoroso e vingativo, o seu amor por Catherine continua inabalável o que o torna um indivíduo completamente “problemático”, vivendo atormentado e oscilando entre o seu plano de vingança e o amor não concretizado. Porém, seu plano de vingança era irrevogável, principalmente quando sua amada morre. Para ele, Edgar Linton era culpado pela morte de Catherine.

> - Não é fácil perdoar, olhar para esses olhos e agarrar essas mãos mirradas – respondeu ele. [...] Perdoo-te o mal que me fizeste. Eu amo quem me mata. Mas... Como poderei perdoar quem te mata? (BRONTË, 2009, p. 140)

Mais uma vez fica evidente a obsessão de Heathcliff por vingança. Nota-se desta maneira um personagem que não consegue se livrar das marcas de um passado atroz. Percebe-se que tais circunstâncias vividas por ele o tornaram uma pessoa ressentida e, devido a isso, cria suas próprias leis em uma tentativa de fazer justiça. Portanto, temos um sujeito incapaz de superar conflitos sociais situação que reforça novamente as características de um *anti-herói*.

A morte de Catherine contribuiu ainda mais para alimentar o desejo de vingança de Heathcliff. Mas, também é a partir desse momento que vamos conhecer um personagem totalmente atormentado e enfurecido, agora não só por causa dos ressentimentos do passado, mas também pela perda de seu único e verdadeiro amor. Heathcliff passa a implorar que sua amada venha lhe fazer companhia.

> Catherine Earnshaw, enquanto eu viver não descansarás em paz! Disseste que te matei. Pois então assombra-me a existência! [...] eu tenho certeza de que os espíritos andam na terra. Toma a forma que quiseres, mas vem para junto de mim e me enlouquece! Não me deixe só, neste abismo onde não te encontro! Oh! Meu Deus! É indescritível a dor que sinto! Como posso eu viver sem a minha vida? Como posso eu viver sem a minha alma?!. (BRONTË, 2009, p.145 e 146)

Pode-se observar neste trecho um personagem completamente apaixonado e atormentado, possuido por sentimentos tão fortes que chega a destruir a si mesmo. Tal característica é muito presente no ant-herói, porém esta semelhança se distancia devido o ódio e o rancor que estão empreguinados na personalidade de Heathcliff. Apesar do amor

incondicional por Catherine o desejo de vingança Heathcliff se estabelece sem nenhuma medida principalmente após a sua morte.

Passado alguns anos da morte de Catherine, Heathcliff finalmente concretiza seu plano de vingança contra Edgar Linton. A estratégia adotada por Heathcliff foi obrigar Cathy, filha de Edgar Linton, a casar-se com o seu filho Linton, fruto da união com Isabella Linton. Esta união é o ápice da vingança de Heathcliff, pois quando Edgar Linton morresse a sua propriedade passaria para as mãos de seu filho Linton, agora marido de Cathy. Porém, Linton morre jovem e Heathcliff passa a ser tutor de Cathy e herdeiro da granja dos Linton. Assim, sua vingança estava consolidada. Era senhor absoluto dos bens e das propriedades daqueles que outrora o humilhara.

Entretanto, mesmo consolidando o seu plano de vingança não deixou de ser um homem atormentado passando a viver clamando pela visita de Catherine Earnshaw, o que levou a ter alucinações frequentes.

Portanto, percebe-se que Heathcliff sempre foi apresentado como um arquétipo da obscuridade moral e crueldade da sociedade britânica, estereótipo típico da hipocrisia do período vitoriano. Suas atitudes foram marcadas pelos conflitos sociais. Situações que aos poucos o transformaram em um indivíduo obscuro e vingativo e, dessa maneira fazendo-o viver à sombra dessa sociedade caracterizando-se, portando como protótipo do *anti-herói*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa análise demonstra que a temática do *anti-herói* pode ser aplicada no romance *O Morro dos Ventos Uivantes* de Emily Brontë, pois o personagem Heathcliff possui características e atitudes que o classifica como um protótipo do anti-herói. Para esta classificação fez-se necessário um breve estudo sobre o surgimento do herói na literatura, bem como o aparecimento do anti-herói e sua problemática.

Desse modo, buscou-se ainda fazer um levantamento do contexto social da época para que fosse possível realizar uma interpretação do comportamento do personagem Heathcliff com essa temática.

Segundo Brombert (2004, p.24), o anti-herói corresponde a um indivíduo em ruptura com os padrões morais ou ético-sociais predominantes de uma época. O sujeito não se adéqua aos padrões vigentes na sociedade.

Dessa forma nota-se que no decorrer da narrativa Heathcliff rompe com as convenções sociais à medida que ele não se conforma com o tratamento que teve desde que

chegou a propriedade *Morro dos Ventos Uivante*. Estas circunstâncias vão aos poucos o transformou em uma pessoa rancorosa e vingativa, causador de muitos sofrimentos onde o mesmo não perdoou nem o próprio filho em nome de sua vingança.

Entretanto, Heathcliff também pode ser visto como uma vítima do preconceito social, pois ao chegar ao *Morro dos Ventos Uivante*s, passou a sofrer constantes humilhações devido a sua cor e a inveja de Hindley. Quando adulto Heathcliff é abandonado por Catherine Earnshaw por quem mantinha uma grande paixão. Portanto, tais acontecimentos o levaram a reagir contra esta sociedade que tanto o oprimiram, fazendo com que se tornasse um indivíduo vingativo e rancoroso. Uma referência ao seu único amor e que por não ter sido concretizado acabou tornando-se motivo de vingança.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Aldinéia Cardoso. **O Estatuto do Anti-Herói: Estudo da Origem e Representação, em Análise Crítica do *Satyricon*, de Petrônio e *Dom Quixote*, de Cervantes**., Dissertação em Letras-Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes Programa e Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá. Maringá, p.107, 2008.

BROMBERT, **Victor. Em louvor de anti-heróis**. São Paulo: Ateliê, 2004.

BRONTË, Emily. **O Morro dos Ventos Uivantes**. Emily Brontë; Tradução Ana Maria Chaves. – São Paulo: Lua de papel, 2009.

CANDIDO, Antônio et al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

FEIJÓ, Martin Cezar. **O que é herói**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FORSTER, E.M. **Aspectos do romance**. Porto Alegre: Globo, 1969.

FRANCO JUNIOR, Arnaldo. **Operadores de Leitura da Narrativa**. In: BONNICI, Thomas, ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). Teoria Literária abordagens Históricas e Tendências Contemporâneas. Maringá: EDUEM, 2003

GONZÁLEZ, Mario M. **A Saga do Anti-herói**. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

KOTHE, Flávio R. **O herói**. Série princípios. 2 ed. São Paulo: Ática 1987.

LUKÁCS. Georg. **A Teoria do Romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica.** 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2000.

MATOS, Marta Maria de Sousa. O trabalho infantil na era vitoriana: um retrato da vida do personagem Pip na obra Grandes Esperanças de Charles Dickens. Disponível em: <http://www.soartigos.com/artigo/4902/o-trabalho-infantil-na-era-vitoriana:-um-retrato-da-vida-do-/> Acesso em 15 de maio de 2011.

MOISÉS, Massoud. **Dicionário de Termos Literários.** São Paulo: Editora Cultrix [1928]2004. Disponível em http://www.eduardoguerreirolosso.com/Massaud-Moises-Dicionario-de-Termos-Literarios.pdf . Acesso em 20 de abril de 2011.

WHITLEY, John.S. **Introducion**. In: BRONTË, Emily. **Whutering Heights**. Wordsworth editions limited, 1992.